

## ITINERÁRIOS EXTENSIONISTA: 10 ANOS DO NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER - UDESC)

**Vera Márcia Marques Santos**

Universidade do Estado de Santa Catarina

[vera.santos@udesc.br](mailto:vera.santos@udesc.br)

**Fábio Manoel Caliari**

Universidade do Estado de Santa Catarina

[fabio.caliari@udesc.br](mailto:fabio.caliari@udesc.br)

**Alfredo Balduino Santos**

Universidade do Estado de Santa Catarina

[alfredo.balduino@udesc.br](mailto:alfredo.balduino@udesc.br)

**Antonio Carlos dos Anjos Filho**

Instituto Fazer - Brasília

[antoniocarlosanjos@gmail.com.br](mailto:antoniocarlosanjos@gmail.com.br)

**RESUMO:** Este artigo aborda o itinerário pedagógico do Núcleo Extensionista Rondon da Universidade do Estado de Santa Catarina - NER/UDESC, trazendo aspectos de compreensão epistemológica, considerando as escolhas por currículo que proporcione a integração entre sociedade e universidade, no qual o conhecimento e as demandas destes espaços dialoguem na perspectiva de acesso ao que se faz necessário à uma sociedade emancipada e emancipadora, como prática política, na qual as escolhas possam ser intencionalmente dirigidas ao bem comum.

**PALAVRAS-CHAVE:** Extensão Universitária. NER/UDESC. Imersão Social.

## EXTENSIONIST ITINERARIES: 10 YEARS OF NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER - UDESC)

**ABSTRACT:** This article addresses the pedagogical itinerary of the Extensionist Nucleus Rondon of the State University of Santa Catarina - NER / UDESC, bringing aspects of epistemological understanding, considering the choices for curriculum that provide an integration between the university, where knowledge and demands are the same. spaces dialogue from the perspective of access to what is necessary for an emancipated and emancipating society, as a political practice, where choices can be intentionally directed to the common.

**KEYWORDS:** University Extension. NER / UDESC. Social Immersion.

## ITINERARIOS EXTENSIONISTAS: 10 AÑOS DE NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER - UDESC)

**RESUMEN:** Este artículo aborda el itinerario pedagógico del Núcleo Extensionista Rondón de la Universidad Estadual de Santa Catarina - NER / UDESC, trayendo aspectos de entendimiento epistemológico, considerando las opciones de currículo que brindan integración entre sociedad y universidad, donde se conocen y demandan estos espacios el diálogo en la perspectiva del acceso a lo necesario para una sociedad emancipada y emancipadora, como práctica política, donde las opciones pueden orientarse intencionalmente hacia el bien común.

**PALABRAS CLAVE:** Extensión Universitaria. NER / UDESC. Inmersión social.

### 1 - Aspectos históricos da Extensão Universitária e a criação do NER-UDESC

“A área da extensão vai ter no futuro próximo  
um significado muito especial”  
(Sousa Santos, 2010, p.73)

Para iniciarmos este artigo, vamos observar cronologicamente, indícios de extensão universitária entre os séculos XII e XIII na Europa cristã, com o surgimento das universidades por iniciativa da igreja católica, como extensão dos colégios episcopais, estando este feito eclesiástico, entre os principais acontecimentos da Idade Média. Neste período se destacou o liceu de Atenas dentre outras instituições, onde os jovens deveriam dominar as sete artes liberais. O acadêmico da universidade medieval era conhecido como artista, ou seja, alguém que dominava as artes liberais (SANTOS, 2020).

Contudo, é na Inglaterra com o surgimento das Universidades Populares que vamos ter atividades que ficaram reconhecidas como forma de Extensão Universitária. “As Universidades Populares se estenderam a outros países da Europa, como a Espanha, onde a Universidade de Oviedo foi fundamental para a extensão latino-americano. Essa extensão inglesa invadiu os Estados Unidos com prestação de serviços técnicos, educação permanente, difusão técnico-científica, cursos noturnos, entre outras” (SAMPAIO, 2004, p. 3).

No Brasil, O termo extensão aparece na legislação educacional em 1931, no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024, de

1961, como organismo da vida social da universidade, por meio da oferta de cursos e conferências de caráter educacional, e centrados na modalidade de transmissão de conhecimentos e assistência. Ressurge em 1968, no texto da Lei 5.540/68, tornando a extensão obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior. A Constituição Brasileira de 1988, a denominada “Constituição Cidadã”, vai absorver o que a Lei 5.540/68 asseverava. Assim, no Artigo 207 da “Constituição Cidadã” temos registrado o princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão que deve reger as Universidades Brasileiras (Brasil, 1988), mas não apresenta novas propostas, e nem mesmo desdobramentos para a proposição do princípio da indissociabilidade (SANTOS, 2020).

O Brasil é influenciado pelo Manifesto de Córdoba na Argentina em 1918. Este manifesto constitui o marco de luta da reforma na Universidade Latino-Americana, com o legado de assumir o seu compromisso social, referenciando politicamente as universidades latino americanas, e colocando a Extensão Universitária em evidência, com a criação de Universidades Populares (Rocha, 2001).

A Reforma Universitária de Córdoba teve um forte impacto na América Latina e Caribe, nomeadamente no Peru e Cuba, países que repercutiram mais intensamente as lições de Córdoba, conseguindo estabelecer projetos de universidades populares, e inaugurou um novo paradigma de entender educação e sociedade, com vista à transformação social, em que a universidade pública passe a desempenhar efetivamente uma missão social (SANTOS, 2020, p.68).

Com isso, sem nenhum exagero, concordamos com Sousa (2000, p. 23), quando afirma que “não existe nenhum exagero ao afirmar-se que a extensão universitária no Brasil deve sua origem ao Movimento Estudantil”, já que desde a implantação do ensino superior, percebe-se a presença e envolvimento de jovens universitários, com os movimentos sociais e políticos da época, como a participação nas campanhas abolicionistas ou atividades literárias, o que aproxima dos princípios da extensão universitária, embora não tivesse à época esta denominação, tudo isso somado a influência do Manifesto de Córdoba.

Com o golpe de Estado de 1964 que impôs ao Brasil uma ditadura militar com duração de vinte e um anos, a União Nacional Estudantil - UNE foi cassada, ficando na clandestinidade, e tendo que mudar sua estratégia, que passa a ter ênfase no combate ao governo instaurado, o que culminou na desarticulação do Movimento Estudantil. “A força deste movimento foi sutilmente

direcionada pelo Estado para atuar nos serviços de extensão, via Projeto Rondon” (SOUSA, 2000, p. 48), projeto esse com viés assistencialista, mas que cumpria com que observa o professor Wilson Choeri<sup>1</sup>, que era permitir que acadêmicos/as do ensino superior tivessem contato com a realidade social, e no caso, uma parcela desta realidade mais dura e perversa, a pobreza absoluta, a ausência de assistência e de políticas públicas em diferentes áreas, conhecendo o Brasil com suas mazelas na principalmente na área da saúde, especialmente da odontologia, no qual qualquer problema dentário era resolvido com a extração, e assim ficamos conhecidos como o país dos desdentados. Embora esse caso tenha sido uma abordagem desumana e irresponsável do ponto de vista da saúde pública odontológica, não podemos negar que o fato de estudantes estarem em contato com a população e por isso também com estes dilemas, deixou algum legado para a extensão universitária, que foi ou continua sendo redimensionado.

Com o fim da ditadura militar, o Projeto Rondon por meio do Ministério da Defesa e em parceria com as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, deu continuidade às atividades extensionistas, das quais a UDESC tem feito parte. Essa atividade, em alguma medida, acabou salvaguardando num período de ditadura militar, um princípio importante da extensão universitária.

Esta breve contextualização histórica, nos permite apresentar o Núcleo **Extensionista Rondon (NER - UDESC)**, fundado no ano de 2010, e inspirado para adaptar suas atividades extensionistas, se tornando uma das principais ações de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. Durante esta primeira década o NER-UDESC vem possibilitando a sua comunidade acadêmica, alunos/as, técnicos/as universitários/as e professores/es intercâmbio pedagógico com as mais diversas realidades dos municípios catarinenses, país e exterior. Ainda a inserção da universidade em diferentes áreas de conhecimento de forma multi/interdisciplinar e em diversos cenários geográficos, educacionais e sociais, na busca do desenvolvimento regional, a partir das demandas sociais. Buscando-se, assim, espaços de interação entre a universidade e a sociedade, por meio do impacto que as ações de extensão têm no âmbito da Udesc, reforçando a missão da universidade diante a realidade social.

---

<sup>1</sup>Wilson Choeri, foi Professor na antiga Universidade Estadual da Guanabara, hoje UERJ. Em 1967, levou trinta universitários da UEG, UFF e PUC/RJ acompanhados pelo professor, Omir Fontoura, seguiram para Rondônia, dando início ao Projeto Rondon, atividade de extensão mais duradoura no Brasil.

As atividades de extensão do NER - UDESC, desde 2010 são organizadas de modo a promover um processo de imersão social de alunos/as, técnicos/as e professores/as junto à comunidade por um período de dez dias. As atividades de extensão para esse processo, são organizadas a partir de um protocolo que inicia com o contato e tratativas com os municípios que farão parte da atividade que denominamos de “operação” seguido de um nome que é escolhido para homenagear alguém ou para caracterizar a região, dentre outras possibilidades. A escolha dos municípios se dá por solicitação de gestores ou para contemplar uma determinada região. Diferentemente do que muitas vezes é dito, a escolha não é realizada por se tratar de uma região socialmente menos favorecida, mas considerando a responsabilidade social com todos as regiões, independentemente de sua posição socioeconômica. Afinal, se trata da Universidade dos catarinenses e da abrangência proporcionada pelas oito áreas da extensão universitária: comunicação; cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; saúde; tecnologia e produção e trabalho.

Considerando o rompimento com o aspecto assistencialista da extensão universitária, seja com as atividades deste momento de imersão social ou qualquer atividade realizada pelo NER-UDESC, destacamos que em hipótese alguma, estamos fazendo alguma caridade, ou seja, “fazer o bem sem saber a quem”, isso porque realizamos uma atividade acadêmica, que assim como o ensino ou pesquisa pressupõe momentos de estudos, planejamento, metodologia e avaliação. Assim, o NER-UDESC já promoveu 16 grandes operações, com cerca de doze mil atividades, com a participação de 3,1 mil extensionistas, tendo 385 mil pessoas contempladas, em 176 municípios de Santa Catarina, seis do Paraná, cinco de Goiás, dois no Distrito Federal e um da Argentina, como podemos observar no gráfico que segue:



Fonte: <https://www.udesc.br/nucleorondon>

## 2 - Aspectos epistemológicos e pedagógicos das atividades realizadas pelo NER-UDESC

Para considerarmos aspectos epistemológicos e pedagógicos das atividades realizadas pelo NER-UDESC, trazemos inicialmente o conceito que subsidia as atividades extensionistas nas Universidades Públicas Brasileiras, na qual temos: “a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (ForProex, 2012, p. 28).

Com isso, na sequência não podemos deixar de trazer referências da produção e aplicação de conhecimentos, conforme a realidade e necessidade de diferentes cidadanias, recorremos a Bell Hooks (2013), com a sua proposta de uma Pedagogia Interseccional, que por influência de Paulo Freire, se utiliza da *teoria como prática libertadora*, trazendo a teorização como um processo crítico e reflexivo. Na proposta de Hooks a construção de uma educação humanista, tem que ser antirracista, antissexista, anti-homofóbica, etc., considerando e reconhecendo a diversidade

e peculiaridades do grupo na sua individualidade, garantindo a voz dos estudantes, estimulando o senso crítico dos mesmos e fazendo avançar para uma prática que liberte as minorias das opressões. No entanto, para isso, é necessário combater os métodos pedagógicos arcaicos, descentralizar o conhecimento teórico e reconhecer a falta de compromisso da academia em aproximar a teoria da prática, “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela (Hooks, 2013,p.22).

Nesse sentido, Bell Hooks pedagógica e epistemologicamente traz grandes contribuições a esse projeto, ao defender que a teoria não acadêmica, como a tradição oral, por exemplo, seja tão valorizada quanto à acadêmica, princípio importante para a extensão universitária, para não cairmos na armadilha do engessamento de que o conhecimento válido, aceito, seja somente a partir do viés acadêmico, desvalorizando o conhecimento empírico produzido na sociedade. Ou seja, o conhecimento popular, que tem origem nas vivências, nas experiências cotidianas e nas observações sobre o dia a dia, que circulam socialmente e para Hooks (2013) promovem a diversidade teórica, que nada mais é, do que as experiências de vida.

Das experiências da vida, não podemos prescindir da pluralidade cultural e de conhecimento proporcionados. Pluralidade essa que deve ser respeitada e utilizada como metodologia pedagógica, considerando a troca de vivências, debates abertos, descentralização de condutas, num contexto multicultural, no qual os/as alunos/as possam ser convidados/as a conhecer a diversidade epistemológica num espaço criado para incluir temas do interesse e de demandas significativas socialmente. Há que se considerar que, “quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo (MOREIRA e CANDAU, 2007, p.27). Com isso, podemos partir de uma proposta de extensão que transforma a comunidade ao mesmo tempo em que é transformada por essa comunidade. Um paradigma de extensão que se revela no diálogo por isso, transformadora.

## 2.1 - O momento do planejamento no NER-UDESC

O planejamento é uma ferramenta imprescindível nas atividades do NER-UDESC, já nos primeiros contatos com os municípios candidatos a participar de uma “operação”. No entanto, o grande desafio, em sua ampla maioria, está no planejamento das oficinas a serem realizadas

neste momento de imersão social. Destacamos na sequência alguns pontos que demandam esse desafio:

- a) A resistência dos/as acadêmicos/as em estudar e entender o que é a extensão universitária. A avaliação que temos realizado durante este período, tem mostrado que há um grande interesse dos/as alunos/as na extensão, possivelmente, por ser uma atividade que indique outras possibilidades de estar na universidade. No entanto, quando exigimos a participação em cursos preparatórios e, é cobrado leituras, atividades que remetam a parte mais teórica, temos encontrado resistência e por vezes nos damos conta de que essa resistência está ligada a paradigma assistencialista da extensão universitária;
- b) A perspectiva inter/multidisciplinar também tem gerado um certo desconforto nos/as alunos/as e servidores/as que por vezes ficam desconcertados com a possibilidade de ter que sair da zona de conforto disciplinar, a partir da sua área de formação. Nesse caso, nos referimos somente às oficinas, onde uma determinada temática, pode ser planejada e executada por pessoas de diferentes áreas e cursos;
- c) Cuidados a serem seguidos no momento do planejamento das oficinas. Esse é um ponto que damos uma atenção especial no momento de orientação aos/às alunos/as que participam de uma operação. Esse cuidado inicia-se já no momento da escuta sobre a demanda social que dará origem à oficina. Trata-se de uma escuta que vai além da capacidade auditiva e difere da pura cordialidade. [...] Saber escutar é, portanto, uma prática que se imbrica, necessariamente, na construção do conhecimento crítico-emancipador (SAUL, 2018, p. 196). As orientações destacam aspectos como dar ênfase a aspectos ideológicos, político partidários, embora aqui saibamos que nestes aspectos não há como estabelecer uma neutralidade, ainda assim fica a recomendação para a discricção. Ainda o cuidado para a neutralidade religiosa e atenção para aspectos de identidade étnico-racial, de diversidade sexual e de gênero, prezando pela autoestima e (auto)representatividade das pessoas. Trazemos aqui um exemplo que envolve os últimos aspectos. Numa das primeiras operações, ao chegar em determinado município, as alunas estavam planejando juntamente com uma das professoras que fazia parte da coordenação daquele grupo, uma oficina para trabalhar a autoestima das mulheres daquela comunidade. Preparavam slides para projetar durante a roda de conversa. No entanto, estes slides correspondiam ao padrão de beleza implicitamente imposto socialmente, mulheres brancas, loiras, olhos azuis, magérrimas e altas. Como o nosso

olhar, juntamente com a escuta estão sempre atentos/as a práticas voltadas para a diversidade, a pluralidade e inclusão, havíamos percebido ao chegar no município que o perfil da maioria das mulheres encontradas na rua era bem diferente do que estava sendo levado para trabalhar esta autoestima. Ao chamar a atenção das alunas para esse fato, ficaram muito incomodadas por não terem se apercebido disso, ao mesmo tempo que agradecidas, uma vez que houve tempo para a alteração daquele planejamento, evitando o que nas suas palavras, “seria uma grande catástrofe”. E seria mesmo. Reiteramos, assim, a necessidade de um olhar e escutas atentas e abertas ao diverso, ao plural;

d) Por fim, um ponto não menos importante, a avaliação diária por parte da equipe das atividades realizadas. Avaliação do desempenho do grupo em quesitos como domínio de conteúdo, metodologias e dinâmicas utilizadas, o alcance da oficina junto ao público trabalhado. A participação, a proatividade dos/as colegas de grupo, enfim, tudo o mais que o grupo considerar importante mencionar, com o propósito de melhorar as práticas dos dias que seguirão. Esse nem sempre é um ponto fácil de ser tratado, isso porque, principalmente nas primeiras avaliações, há uma tendência em personificar a avaliação, confundindo que uma prática de avaliação coletiva, de um trabalho coletivo seja tomada como algo diretamente à pessoa. O desafio consiste em fazer o grupo perceber que a avaliação pela qual primamos está articulada a saberes como: a disponibilidade para o diálogo, a criticidade, o respeito aos diversos saberes, saber escutar, humildade, tolerância e convicção de mudanças são possíveis (FREIRE, 1997).

Esse processo diverso e plural nos permite perceber um movimento de saberes presentes em vários espaços da sociedade, permitindo construir um caminho de compreensão de outras visões de mundo, outros saberes e outras fontes de conhecimento (SANTOS; PEREIRA e TOMAZ, 2020, p. 06).

### **Considerações finais:**

Podemos afirmar sem medo de errar, que o Manifesto de Córdoba traz para a extensão universitária outros significados marcados pela escolha de que universidade se queria a partir de 1918. Poucos anos mais tarde, Paulo Freire com sua prática social e o texto Comunicação

ou Extensão, nos chama a dialogar com a sociedade, característica essa que fortalece a extensão que vivenciamos hoje.

Contudo, sabemos que ainda temos muito por fazer. Hoje a revolução, o manifesto necessário pressupõe assumirmos outras epistemologias, outras cosmovisões, para aí sim, podermos dizer que estamos "incluindo" novos personagens que sejam sujeitos de seu percurso acadêmico. Mesmo a América Latina tendo uma produção autoral nas ciências, tecnologias com um rico arcabouço epistemológico, ainda não são reconhecidas e adotadas para uma produção científico cultural acadêmica própria latino-americanista, ainda há uma dependência eurocentrada em relação a estas questões.

No entanto, não podemos prescindir uma avaliação entre os pares, e a maneira como ainda estamos presos/as à modelos/paradigmas e verdades intocáveis que acabam engessando nossas práticas docentes, as nossas potencialidades e responsabilidades sociais, práticas estas, que por vezes nos impedem de perceber a universidade no século XXI, e como nos chama a atenção o sociólogo Sousa Santos (2010), vivemos a iminência da possibilidade de a extensão universitária vir a ressignificar as universidades, lhes atribuindo “[...] uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural” (p.73). Sousa Santos ainda alerta, que é necessário as universidades se afastarem do modelo “rentável” para as atividades de extensão, o que pode implicar na privatização discreta ou não das instituições de ensino superior públicas. Para evitar isso, entendemos assim como Sousa Santos, que a extensão universitária possui um aspecto pedagógico que favorece o apoio solidário entre a universidade e a sociedade que pode resultar efetivamente em práticas inclusivas, no qual os diferentes grupos sociais possam ter voz diante as suas demandas de (sobre)vivência.

Estas práticas inclusivas têm sido a diretriz epistêmica das atividades do NER/UEDESC, sejam atividades pedagógicas que antecedem a imersão social em campo, sejam as atividades de imersão propriamente ditas, isso porque nunca tivemos dúvidas que o currículo não pode prescindir a interação, o diálogo, a troca de conhecimentos e participação e principalmente a formação cidadã integrada a esse currículo, assim como a produção, acesso e aplicação de conhecimentos, que academicamente, desde a Constituição Cidadã de 1988, trazem como orientação o princípio constitucional da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão no ensino superior – não para que a extensão seja o apêndice do ensino e da pesquisa, mas para práticas indissociáveis, ou seja, inseparáveis, sob pena de comprometer o processo de Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 5, n. 1, p. 22 - 32, jan./jun. 2021.

(re)produção e acesso ao conhecimento necessário a uma sociedade emancipada e emancipadora – e esta é uma prática política, na qual fazemos escolhas intencionais. Assim, procuramos trabalhar no NER/UDESC.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária** - PNEU. Manaus: ForProex, 2012.

HOOKS, Bell; A teoria como prática libertadora. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

ROCHA, R. M. G. **A construção do conceito de extensão universitária na América Latina**. In: Faria, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina** (pp. 13- 29). Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SAMPAIO, O. B. **Contextualização histórica da extensão e seus reflexos na sociedade brasileira**. In: Encontro de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande, 3., Campina Grande: UFCG, 2004.

SANTOS, A.B. **A curricularização da extensão universitária a partir do plano nacional de Educação do Brasil**: dificuldades e possibilidades. Tese de Doutorado em Ciências da Educação Especialidade de Desenvolvimento Curricular. UMinho. Braga/Portugal: Universidade do Minho, 2020.

SANTOS, V.M.M; PEREIRA, C, D; TOMAZ, M. H. **É necessário um Currículo para a creditação da Extensão Universitária?** Curso de Extensão Universitária, Currículo e Sociedade - NER/UDESC/UFRA. AVA Moodle. Florianópolis/SC, 2020. (PDF).

SAUL, A. M. Escutar. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Ed. Alínea, 2000.

SOUSA SANTOS, B. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade (3a. ed.) São Paulo: Cortez Editora, 2010.

Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura, Florianópolis (SC), v. 5, n. 1, p. 22 - 32, jan./jun. 2021.